

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE
CURSO DE PSICOLOGIA

ANDRÉ SOARES SABA

AVALIAÇÃO DA PERSPECTIVA DOS PAIS E SEUS FILHOS
ADOLESCENTES SOBRE A INFLUÊNCIA DOS GRUPOS
NO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DESTES

BEBEDOURO

2009

ANDRÉ SOARE SABA

AVALIAÇÃO DA PERSPECTIVA DOS PAIS E SEUS FILHOS
ADOLESCENTES SOBRE A INFLUÊNCIA DOS GRUPOS
NO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DESTES

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia apresentado às Faculdades Integradas Fafibe, sob a orientação da Professora Andreza Cristiana Ribeiro Gomes para obtenção do título de Psicólogo.

Bebedouro

2009

Saba, André Soares.

Avaliação da perspectiva dos pais e seus filhos adolescentes sobre a influência dos grupos no comportamento agressivo destes.-- Bebedouro: Fafibe, 2009.

33 f. ; 29,7cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia - Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009.

Bibliografia: f. 32, 33.

1. Psicologia. 2. Adolescência. 3. Influência. 4. Agressividade.

I. Título.

ANDRÉ SOARE SABA

AVALIAÇÃO DA PERSPECTIVA DOS PAIS E SEUS FILHOS
ADOLESCENTES SOBRE A INFLUÊNCIA DOS GRUPOS
NO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DESTES

Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia apresentado às Faculdades Integradas Fafibe, sob a orientação da Professora Andreza Cristiana Ribeiro Gomes para obtenção do título de Psicólogo.

Banca examinadora

Orientadora: – Andreza Cristiana Ribeiro Gomes

Examinadora:– Gelsy Gerônima Camplesi

Bebedouro, 24 de Novembro de 2.009

Aos meus pais Fued e Joaquina pelo exemplo de vida, dedicação, compreensão e incentivo.

Às minhas irmãs pelo apoio e por confiar no meu potencial.

À minha esposa Loide pelos constantes incentivos e pela paciência demonstrada.

À minha querida filha Júlia, que chegou junto com esta grande conquista, alegrando e preenchendo por completo nossa família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por investir constantemente em mim e nunca desistir – Ele é o meu refúgio, socorro bem presente nos momentos difíceis.

Agradeço à minha orientadora Andreza, pela paciência, perseverança e pelos incentivos, investindo parte de seu tempo.

Agradeço aos meus colegas de sala, pelos constantes apoios, pelo carinho oferecido em cada encontro e por tantos momentos de descontração que me permitiram caminhar por todo o curso com total controle emocional.

Agradeço à nossa coordenadora Débora, pelo atendimento humano e igualitário com que nos ofereceu ao longo de todo o curso.

Por fim agradeço aos funcionários da Fafibe e a todos que colaboraram para a elaboração deste trabalho.

RESUMO

A etapa da adolescência é um momento de desenvolvimento da identidade, onde estes jovens, juntamente com seus amigos estão testando suas possibilidades e sua capacidade de lidar com os problemas que aparecem. Devido a isto, podem aparecer alguns conflitos que, devido a uma baixa capacidade de auto controle e falta de um repertório sólido, podem aumentar a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco, inclusive com manifestações de violência. Objetivou-se com este estudo avaliar, do ponto de vista dos adolescentes e dos pais, o quanto o grupo de amigos influencia o comportamento de agressividade de seus filhos. Para isso, foram entrevistados cinco adolescentes do sexo masculino na idade entre 15 e 17 anos, todos cursando o ensino médio e participantes de um projeto do governo federal chamado PROJOVEM, bem como seus respectivos pais. Para a análise dos dados, criou-se as seguintes categorias de análise baseadas nas perguntas feitas: dados gerais, atividades sociais, relacionamento com os pais, educação, influência do grupo de amigos e agressividade. A partir disso, avaliou-se a frequência das respostas dos participantes da pesquisa. Observou-se que, quanto às atividades sociais ambos tem gostos diferentes, pois estas atividades sociais estão ligadas ao convívio com os amigos. No relacionamento entre pais e filhos, todos disseram que discutem entre si, em geral por conta das tarefas de limpeza de casa. Quanto à influência dos amigos a maioria dos adolescentes afirmaram que não são influenciáveis e que influenciam seus amigos, ao contrário disso, os pais acreditam que seus filhos são influenciáveis. Na questão de agressividade percebeu-se uma divergência, pois os adolescentes afirmam que podem agredir fisicamente se for para defender um amigo, já seus pais disseram que os mesmos não cometem agressões físicas, apenas verbais. Conclui-se, então, que tais divergências entre pais e filhos se dá pelo fato daqueles não terem um amplo conhecimento de seus filhos no que diz respeito ao ambiente externo à família, e, isto impossibilita tais pais de terem uma verdadeira noção de seus filhos.

Palavras chave: Adolescente, amigos, influencia, agressividade.

RESUMEN

La etapa de la adolescencia es una época de desarrollo de la identidad, donde estos jóvenes, junto con sus amigos están poniendo a prueba sus habilidades y su capacidad para hacer frente a los problemas que surgen. Debido a esto, puede haber algunos conflictos, debido a una baja capacidad de autocontrol y la falta de un repertorio sólido, puede aumentar la probabilidad de participación en las conductas de riesgo, incluidos los brotes de violencia. El objetivo de este estudio para evaluar el punto de vista de los adolescentes ya los padres cómo el grupo de iguales influye en el comportamiento agresivo de sus hijos. Para ello, se entrevistó a cinco adolescentes varones entre las edades de 15 y 17, todos en la escuela secundaria y la participación en un proyecto del gobierno federal denominada PROJOVEM y sus padres. Para el análisis de datos, creado las siguientes categorías de análisis basado en las preguntas: información general, actividades sociales, las relaciones con los padres, la educación, la presión de los amigos y la agresividad. De esto, se evaluó la frecuencia de la respuesta de los participantes en la investigación. Se observó que, para las actividades sociales, tanto tienen gustos diferentes, para estas actividades sociales están vinculados a socializar con amigos. La relación entre padres e hijos, todos dijeron que se pelean entre sí, por lo general a causa de las tareas de limpieza del hogar. La influencia de los amigos de la mayoría de los adolescentes dijeron que no están influenciados y que influyen en sus amigos, por el contrario, los padres creen que sus niños son impresionables. Sobre la cuestión de la agresión se observó una diferencia, como los adolescentes dicen que físicamente asalto si es para defender a un amigo, como sus padres dijeron que no cometió abuso físico, sólo verbal. De ello se deduce, entonces, que estas diferencias entre padres e hijos actual es que los que no tienen un amplio conocimiento de sus hijos con respecto al medio ambiente fuera de la familia, y esto impossibita tales padres tienen un sentido real de sus hijos .

Palabras clave: adolescentes, amigos, influencias, agresión.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 OBJETIVOS | 14 |
| 3 MÉTODOS | 15 |
| 3.1 Amostra | 15 |
| 3.1.1 <u>Critérios de Inclusão</u> | 15 |
| 3.1.2 <u>Critérios de Exclusão</u> | 15 |
| 3.2 Materiais | 16 |
| 3.3 Procedimento | 16 |
| 3.4 Projeto Projovem | 17 |
| 4 ANÁLISE DE DADOS | 18 |
| 5 RESULTADOS | 19 |
| 5.1 Amostra | 19 |
| 5.2 Entrevista com os adolescentes | 19 |
| 5.2.1 <u>Dados Gerais</u> | 19 |
| 5.2.2 <u>Atividades Sociais</u> | 19 |
| 5.2.3 <u>Relacionamento com os pais</u> | 21 |
| 5.2.4 <u>Educação</u> | 21 |
| 5.2.5 <u>Influência dos amigos</u> | 22 |
| 5.2.6 <u>Agressividade</u> | 23 |
| 5.3 Entrevista com os pais | 23 |
| 5.3.1 <u>Dados Gerais</u> | 23 |
| 5.3.2 <u>Relacionamento social dos filhos</u> | 24 |
| 5.3.3 <u>Educação</u> | 24 |
| 5.3.4 <u>Educação dos filhos</u> | 24 |
| 5.3.5 <u>Influência dos amigos no comportamento dos filhos</u> | 25 |
| 5.3.6 <u>Agressividade</u> | 26 |
| 5.3.7 <u>Avaliação dos filhos</u> | 26 |
| 6 DISCUSSÃO | 28 |
| 7 CONCLUSÃO | 30 |
| REFERÊNCIAS | 31 |
| ANEXO A | 33 |

| | |
|---------------|----|
| ANEXO B | 37 |
| ANEXO C | 39 |

1. INTRODUÇÃO

O uso do termo adolescência é relativamente recente, pois anteriormente a criança passava da infância diretamente para a idade adulta, sem que houvesse qualquer período intermediário (PERES, 1998). Atualmente, a adolescência...

[...] constitui como uma fase de transição do indivíduo, da infância para a idade adulta, evoluindo de um estado de intensa dependência para uma condição de autonomia pessoal e de uma condição de necessidade de controle externo para autocontrole, sendo marcado por mudanças evolutivas rápidas e intensas nos sistemas biológicos, psicológicos e sociais (PRATTA, 2007, p 251).

Assim, esse período evolutivo é crucial para o desenvolvimento do indivíduo, pois ele finaliza o processo maturativo biopsicossocial, ocorrendo a transformação de uma nova imagem corporal, bem como a estruturação final da personalidade (PRATTA, 2007).

O comportamento e desenvolvimento do adolescente são determinados pela história de vida, situação sócio-econômica e desenvolvimento psicológico particular, em um dado contexto cultural e histórico (SOARES, 1998). Devido a isso, o início e a duração deste período evolutivo variam de acordo com a sociedade, a cultura e as épocas, porém admite-se, em geral, que essa fase do desenvolvimento humano tem seu início a partir das mudanças físicas que ocorrem com os indivíduos a partir da puberdade (PRATTA, 2007). Entretanto, para a maioria das pessoas jovens, a adolescência é considerada principalmente entre as idades de 11 e 21 anos (CAMPOS, 2002).

Como dito acima, as transformações ocorrem tanto física como psicologicamente. Para o adolescente acontece o crescimento dos testículos, dos pêlos pubianos, aumento do pênis, mudança de voz, ejaculações, desenvolvimento de pêlos nas axilas e barba. Para a adolescente acontece a primeira menstruação, denominada menarca, geralmente entre doze e quatorze anos, porém, esta idade pode diminuir de acordo com a condição biológica de cada uma delas. Antes da menarca acontecem algumas mudanças físicas como crescimento dos seios, arredondamento dos quadris e pêlos nos genitais e nas axilas (RAPPAPORT, 2000).

Essas mudanças físicas são acompanhadas de emoções muito intensas, com grandes variações no humor, tendo momentos de alegrias, tristezas, angústias,

êxtases e até mesmo sensações e impulsos relatados como desconhecidos e considerados muito fortes. Além disso as emoções vão se tornando cada vez mais complexas e o jeito como a pessoa se vê e vê os demais é modificado. Além disso, o equilíbrio entre pais e adolescentes se perde e as relações familiares e sociais vão se modificando, atingindo especialmente os pais que ficam confusos diante desse (a) filho (a) que não é mais uma criança dependente (RAPPAPORT, 2000).

Aos poucos a dependência absoluta vai dando lugar para uma relativa “independência”, pois este adolescente vai se tornando adulto biologicamente, mas continua estando dependente econômica e psicologicamente de sua família. O mundo torna-se mais amplo para ele, passando a ter questionamentos sobre as regras oferecidas pelos seus pais, desenvolvendo, com isso, seu senso de crítica. Dessa forma, o adolescente tende a rejeitar seus pais, buscando a independência, porém, em outros momentos, solicita proteção e aconchego (RAPPAPORT, 2000).

Tudo isto porque a adolescência dos filhos tem influência direta no funcionamento familiar, constituindo-se, portanto, como um processo difícil e doloroso tanto para os adolescentes quanto para seus pais, uma vez que, que a família não é constituída pela soma de seus membros, mas pelo conjunto de relações interdependentes no qual a modificação de um elemento induz a do restante, transformando todo o sistema, que passa de um estado para o outro (PRATTA, 2007, p 252).

Segundo Pratta (2006), é importante para o adolescente notar que os pais têm interesse sobre sua vida. Assim, este é um momento em que o diálogo é essencial, pois é neste período que eles necessitam de orientação e da compreensão dos pais, sendo que este diálogo não deve ser encarado como uma cobrança ou um controle da vida do adolescente, mas sim como uma troca. É essencial que esse diálogo seja realizado desde muito cedo, na infância, quando criança, para que, quando chegar à adolescência, não seja visto por eles apenas como especulação, ou até mesmo puro controle de suas vidas, trazendo assim grandes prejuízos para o relacionamento.

Pratta (2006) ressalta, ainda, que...

[...] não é a quantidade de tempo disponível por parte dos pais que vai determinar como o adolescente vai vivenciar e enfrentar as inseguranças próprias desta fase, mas sim a qualidade das relações estabelecidas entre pais e filhos no tempo que dispõem para ficarem juntos. O essencial é a presença dos pais no cotidiano dos adolescentes, pois eles necessitam perceber que os pais se preocupam com eles, que existe uma identidade familiar e que os problemas são enfrentados no grupo (PRATTA, 2006, p 321).

Quando criança, os pais são os únicos modelos a serem seguidos, porém, na adolescência, há uma ruptura dessas identificações. Com esse processo o adolescente tentará fazer as coisas à sua própria maneira, que por diversas vezes serão consideradas inadequadas tanto pelos pais quanto pelos grupos sociais no qual o adolescente está inserido (RAPPAPORT, 2000).

Estas inadequações de comportamento e até mesmo a exposição a riscos desnecessários podem surgir em função da própria curiosidade, extremamente presente nessa etapa evolutiva, e de outros fatores cognitivos, biológicos, sociais e culturais que podem exercer um papel importante na determinação de comportamentos de risco nesse período do desenvolvimento (PRATTA, 2007, p 256).

Tais inadequações podem ser vivenciadas com mais intensidade por conta dos amigos, pois, diferente do que era feito na fase da infância, eles tendem a passar mais tempo conversando com estes do que com os familiares, tendo um provável aumento da influência sobre eles (DEL PRETTE, 2008). Esses amigos desempenham um papel muito importante na vida do adolescente em diversas áreas de sua vida, seja para a sustentação da saúde física e mental, bem como provisão de apoio contra as angústias sociais e desequilíbrios familiares. (PEREIRA, 2007).

Podemos acrescentar também que esta relação com amigos é importante no desenvolvimento do adolescente porque:

Cria um contexto de cooperação e reciprocidade, constitui um recurso emocional e cognitivo para o enfrentamento de situações estressantes e a resolução de problemas além de fonte de prazer e de redução de tensão e também porque fornece modelo para a aprendizagem e o exercício de padrões de comportamento que vão ser requeridos posteriormente na vida. (DEL PRETTE, 2008, p 220).

Especialmente nesta fase a amizade é bastante valorizada, inclusive os adolescentes tendem a relatar que possuem vários amigos, sendo um deles considerado como “mais amigo” do que os demais. Porém, nem todos tem facilidade de fazer e manter amizades, pois isto depende de muitos fatores, mas essencialmente, da competência em algumas habilidades sociais específicas, as quais começam a ser desenvolvidas nas etapas iniciais do desenvolvimento da criança, primeiramente com a família e depois em outros ambientes como vizinhança, creche e escola (DEL PRETTE, 2008).

Podemos dizer que “a amizade é considerada como um relevante campo da expressividade de emoções” (DEL PRETTE, 2008, p 219), sendo considerada muito

importante para o desenvolvimento desta, bem como também da socialização (DEL PRETTE, 2008). Apesar disso, é importante salientar que a família continua tendo, no desenvolvimento infantil e do adolescente, um importante papel, mesmo que complementar, no mundo social do adolescente (PEREIRA, 2007).

A etapa da adolescência é um momento de desenvolvimento da identidade, sendo considerada uma fase de experimentação, sendo muito provável que este jovem, mesmo que involuntariamente, se depare com situações difíceis, nas quais ele não apresenta repertório sólido para solucioná-lo. Essa falta de repertório pode trazer dificuldades para suportar as situações de estresse e crises, pois, além da falta de repertório, os jovens nesse período estão testando suas possibilidades e sua capacidade de lidar com os problemas que surgem (CAMARA, 2007).

É um momento de fragilidade, especialmente num contexto sociocultural que determina os papéis apropriados para cada gênero, não somente no sentido de definição, mas também no de adequação massiva a normas e padrões comportamentais (CAMARA, 2007, p. 93).

Essa falta de um repertório adequado pode aumentar a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco, sendo estes percebidos como estratégias para enfrentar situações novas (CAMARA, 2007).

Nesse ínterim estão os amigos, que são procurados pelo adolescente, ou estes o encontram para partilhar experiências novas (arriscadas ou não), enquanto que a família continua sendo seu porto seguro para equilibrar sua busca explorativa do mundo novo que está diante dele. Esta atitude vai depender do contexto no qual eles vivem, “podendo dar maior ou menor importância as suas famílias” (PEREIRA, 2007, p 71).

Por ser uma fase marcada por uma instabilidade extensiva a todos os aspectos de sua vida, este se vê impelido a cumprir determinados desafios, tais como a maturação biológica, bem como a formação e solidificação da identidade, entendida nos âmbitos sexual, pessoal e profissional. Diante de tantos desafios e exigências, este adolescente torna-se mais vulnerável e isto pode levá-lo à concretização dos chamados "riscos de desenvolvimento" (GUIMARAES, 2006).

Tais riscos podem se originar quando na organização interna deste adolescente, bem como ser estimulados pelo contexto no qual ele está inserido. Esta é uma fase marcada pela complexibilidade e vulnerabilidade sócio-afetiva, podendo por conta disso, ser responsável, em parte, pela incidência dos transtornos

do desenvolvimento (GUIMARÃES, 2006).

Para se compreender a dinâmica de vida desse adolescente é necessário avaliar as variáveis que estão atuando em seu contexto, ou seja, se estas estão funcionando como facilitadoras do processo de adaptação e desenvolvimento (fatores protetores) ou se estão sendo prejudiciais a esse processo (fatores de risco) (GUIMARÃES, 2006).

Os fatores protetores seriam aqueles que modificam ou melhoram respostas pessoais a determinados riscos, favorecendo, assim, a saúde do indivíduo. Por sua vez, podem-se considerar fatores de risco como: “toda sorte de eventos negativos de vida, que, quando presentes, aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais” (GUIMARÃES, 2006, p 90). O comportamento agressivo tem sido apontado por diferentes autores, entre eles Casullo (1998), Chiapetti (2001), Werner e Nixon (2005), Barnow, Lucht e Freyberger (2005), entre outros, como um comportamento de risco.

Grande parte dos conflitos têm sido despertados pela interação deste adolescente com o ambiente em que ele vive, e o comportamento agressivo estaria relacionado a esta interação, associado ou não a um comprometimento orgânico ou neurológico, que fortaleceria os impulsos agressivos. “Tais impulsos, quando não regulados devido a uma baixa capacidade de autocontrole (fragilidade), podem dar origem a comportamentos de risco psicossocial, sobretudo com manifestações de violência” (GUIMARÃES, 2006, p 90).

2. OBJETIVOS

Avaliar, do ponto de vista dos adolescentes do projeto do governo federal chamado PROJOVEM na cidade de Barretos, o quanto o grupo de amigos influencia seu comportamento de agressividade, comparando com o ponto de vista dos pais.

3. MÉTODOS

3.1 Amostra

A amostra foi composta por quatro mães, um pai e cinco adolescentes do sexo masculino na idade entre 15 e 17 anos filhos dos mesmos.

Para que participassem da pesquisa foram seguidos os seguintes critérios:

3.1.1 Critérios de Inclusão:

- Pais de adolescentes do sexo masculino, que participassem do PROJovem ADOLESCENTE e que aceitassem participar do estudo após esclarecimento dos objetivos da pesquisa.
- Aceite de ambos os pais.
- Adolescentes do sexo masculino, participantes do PROJovem ADOLESCENTE e que aceitassem participar do estudo após esclarecimento dos objetivos da pesquisa.

3.1.2 Critérios de exclusão:

- Pais de adolescentes do sexo feminino.
- Pais e adolescentes do sexo masculino, mas que não aceitassem participar deste estudo ou que aceitassem participar, mas não autorizassem a gravação da entrevista.
- Adolescentes de ambos os sexos que tivessem idade inferior a 15 anos e superior a 17 anos.

3.2 Materiais

O encontro com os pais e com os adolescentes foi gravado com um MP4 e utilizou-se o questionário com perguntas elaboradas pelo pesquisador responsável pelo estudo, contendo temas relacionados ao comportamento do adolescente dentro e fora de casa, bem como se há influência dos amigos em seu comportamento e sua avaliação do nível desta influência (ANEXO A)

Para participação na pesquisa todos os pais assinaram o Termo de consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B)

3.3 Procedimento

Primeiramente este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Fafibe, sob o parecer nº 0139/2009. No Anexo C, consta aprovação final. A partir daí solicitou-se à instituição que cedesse cinco nomes de adolescentes que freqüentassem o projeto, que preenchessem os critérios de inclusão desta pesquisa, bem como o nome de seus pais ou responsáveis. Solicitou-se também o endereço e o telefone de cada um deles, para que o pesquisador entrasse em contato com os pais pelo telefone para marcar uma visita e obter a autorização dos mesmos.

Após contato telefônico foram agendadas as visitas, onde em cada residência foi explicado aos pais e seus filhos o projeto a ser realizado e a obtenção do termo de consentimento dos mesmos.

Todos as pessoas referidas pela instituição concordaram em participar da pesquisa sem qualquer objeção, atingindo assim a amostragem determinada que era de cinco filhos adolescentes e cinco pais ou responsáveis.

A entrevistas com os pais foram realizadas em suas casas para que não tivesse interferência dos dados dos pais sobre o filho e vice-versa. Para os pais foi perguntado sobre o comportamento de seus filhos dentro e fora de casa, como é o relacionamento entre eles (os pais) e o adolescente em questão, se tem amigos e se os pais o consideram influenciado por estes. Enquanto que a dos adolescentes foram feitas nos

dias de encontro do projeto, às segundas e quintas-feiras em uma sala no prédio onde o projeto PROJovem Adolescente ocorre. Foram realizadas perguntas sobre a relação destes com seus amigos, qual o nível de influência que exercem, sua vida social e mudanças de comportamento na presença de seus amigos.

3.4 Projeto Projovem

O PROJovem ADOLESCENTE trata-se de um projeto do governo federal que tem como públicos alvos adolescentes de 15 a 17 anos de ambos os sexos, estando ou não em situação de risco. Tem a duração de 24 meses, sendo que seu início se deu no mês de agosto de 2008. Esses adolescentes têm semanalmente atendimento psicológico em grupo, onde são abordados assuntos sobre identidade, sexualidade, drogadição, relações interpessoais, dentre outros temas relacionados à essa faixa etária. Além do atendimento psicológico, o projeto também disponibiliza semanalmente oficinas de teatro, culinária, dança e música. Estas atividades objetivam promover a integração sócio-comunitária, o sentido de pertença, o encontro entre gerações, o trabalho em equipe, a compreensão e o convívio com a diversidade; promover garantias para que o jovem estude e não trabalhe antes dos 16 anos, e, quando trabalhar, que este trabalho esteja dentro da lei; desenvolver ações e atividades onde possam conviver com outras gerações e refletir sobre isso; e discutir valores, atitudes e modo de ver o mundo.

Os adolescentes por sua vez, têm o compromisso de obter freqüência de 70% nas atividades do projovem, devem estar matriculado em uma escola e obter freqüência em sala de aula superior a 75% e a autorização de um dos pais ou responsável para participar das atividades.

4. ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, onde foram analisados qualitativamente. Foram criadas categorias de análise baseadas nas perguntas feitas e, a partir disso, fez-se uma análise da frequência de resposta dos participantes da pesquisa. As categorias analisadas tanto na entrevista com os adolescentes quanto com os pais foram:

Dados gerais – avaliou-se a idade e escolaridade dos pais e dos adolescentes.

Atividades sociais – refere-se a dados sobre seu círculo de amizades, os programas que gostam de fazer com seus amigos e se sua vida social é diferente da dos seus pais.

Relacionamento com os pais – Trata da relação destes com seus pais.

Educação – avaliou-se sobre o que os pais e adolescentes acreditam ser uma boa educação e o quanto conseguem colocar o que acredita em prática.

Influência dos amigos – contendo qual o nível de influência que estes tem sobre eles, bem como o quanto são influenciadores.

Agressividade – contendo dados sobre agressividade verbal e física, tanto dentro de casa no ambiente familiar, quanto com os amigos.

Relacionamento social dos filhos – Relata os programas sociais que os filhos gostam de fazer.

Educação – O que os pais fazem quando seus filhos agem com desobediência.

Influência dos amigos no comportamento dos filhos – Refere-se ao nível de influência que os amigos tem sobre seus filhos, sob a ótica dos pais.

Avaliação dos filhos – Refere-se à avaliação geral dos pais em relação aos seus filhos.

5. RESULTADOS

5.1 Amostra

A amostra foi composta por quatro mães e um pai, sendo que as quatro mães possuem o ensino médio incompleto e com idades entre 30 e 35 anos. O pai possui o ensino superior incompleto, tendo a idade de 33 anos.

A amostra também foi composta por cinco adolescentes do sexo masculino na idade entre 15 e 17 anos, cursando o ensino médio e participantes do Projeto Projovem Adolescente na cidade de Barretos.

5.2 Entrevista com os adolescentes

5.2.1 Dados Gerais

Serão apresentados abaixo dados da entrevista, juntamente com frases representativas da categoria em questão. Deve-se salientar que todos os nomes foram trocados por nomes fictícios para manutenção do sigilo. Os nomes usados foram: Anderson, Pedro, João, Lucas e Caio.

Dos cinco adolescentes entrevistados três moram com seus pais, dois moram apenas com suas mães, sendo que um é por motivo de falecimento do pai e o outro por separação.

5.2.2 Atividades Sociais

Ao serem indagados sobre seu círculo de amizades, dois disseram que consideram ter muitos amigos e três relatam ter poucos. Aqueles que disseram ter

poucos amigos alegaram que, para eles, amigo é aquele que eles podem contar e que tem intimidade, por isso não consideram ter muitos amigos.

Pedro: *“Não são todas as pessoas que eu considero como amigos... porque amigo que é amigo é aquele que tem mais intimidade e colegas a gente não tem tanta intimidade como amigo.”*

Dos cinco adolescentes entrevistados três afirmaram que fazem amizades com facilidade e que não tem problemas em entrar em uma “rodinha” e se apresentar para iniciar novas amizades e dois afirmaram não fazer amizades com facilidade e que não conseguem entrar em uma roda para iniciar conversação.

Caio: *“Ah depende, depende da pessoa, se ela é gente boa, eu chego converso, é praticamente sim.”*

Todos disseram que sua vida social é diferente dos seus pais, alegando que os gostos são muito divergentes e diferentes.

João: *“Eu gosto de sair bastante com meus amigos... meu pai já gosta de ir para o bar, gosta de lugar mais tranquilo, sossegado... eu gosto de lugar que tem música, agitação, que não seja muito monótono e que tenha bastante gente.”*

Em relação à frequência com que saem com seus amigos, quatro afirmaram que saem com os amigos apenas nos finais de semana e apenas um sai na semana inteira. Quanto ao programa que gostam de fazer ao sair com seus amigos, os mais citados foram: ir passear na praça, sair para lanchonete, comer lanche, brincar, dar risada, jogar vídeo game e bola. Além disso relatam sentirem-se felizes na presença dos amigos, sendo que os sentimentos mais demonstrados foram carinho, acolhimento, tranquilidade e confiança.

Anderson: *“Quando estou com meus amigos me sinto bem, me sinto mais seguro... tranquilo, tenho mais confiança... gosto de sair com eles”*

5.2.3 Relacionamento com os pais

Quando se trata da relação deles com seus pais, três disseram que são desobedientes e dois se consideram como obedientes. De acordo com Aurélio (2008) desobediente é aquele que não se submete, que transgride, infringe ou viola algo, sendo que os adolescentes aqui citados usam o termo como referido acima, ou seja, não se submetem ou violam o que seus pais determinam que façam como por exemplo: lavar a louça, sair sem autorização, não fazer favores.

Lucas: *“Eu obedeco quando ela fala que não é para sair... daí eu vou lá para o Cyber que é ali perto de casa ou fico em casa mesmo.”*

Quanto à questão sobre o quanto discutem com os pais, todos disseram que discutem ora com a mãe, ora com o pai. Os motivos são os mais variados possíveis e, na maioria das vezes, por pedidos que estes lhes fazem (ajudar nos deveres de casa – lavar louça, banheiro, calçada, ir comprar algo no armazém) e eles se recusam a fazê-los, bem como por divergência de opiniões.

Anderson: *“A gente discute em momentos que minha mãe pede para arrumar cozinha, eu não gosto, não obedeco, daí a gente discute”.*

5.2.4 Educação

Ao serem solicitados sobre o que acreditam ser uma boa educação três disseram que seria respeitar o próximo, os demais expressaram diversas respostas, tais como, não responder aos mais velhos, não falar besteiras e fazer as coisas certas. Pela auto-definição, dois consideraram serem educados e três não muito.

Caio: *“É quando uma pessoa sabe respeitar os outros, que respeita o próximo... seja quem for da sociedade, pode ser um colega, seja quem for tem que respeitar a todos.”*

Pedro: “... *saber respeitar os outros... que não ter um vocabulário vulgar... tal... que não fica falando palavrão... que tem um bom diálogo com os pais... que ajuda bastante... que não fala só de um assunto, que sabe falar todo tipo de assunto... assuntos até de adultos sabe, assuntos que passa em jornal, de crise mundial... essas coisas assim...*”

5.2.5 Influência dos amigos

Em relação ao nível de influência que o grupo de amigos têm sobre eles, quatro disseram que não se consideram influenciáveis por eles e um disse que considera-se parcialmente influenciável. Porém, três consideram que influenciam seus amigos.

Anderson: “*Eu sou influenciador... Ah o estilo de falar eles pegaram bastante assim, que nem, os meninos gostam bastante de rock e eu de hap... não é porque eu estou bastante com eles que eu gosto de rock, não é minha onda... se eu era de um estilo, eles não fez eu mudar meu estilo...*”

João: “*Não sou influenciável, ah porque cada um pensa de um jeito e eu não deixo... não é porque a pessoa pensa de um jeito, ela quer que eu pense assim e eu não vou pensar assim. Se eu penso de um jeito eu vou pensar daquele jeito, até que me prove o contrário, me prove que eu tô pensando errado*”.

Lucas: “*Quando eu sou mais influenciável é quando estou com meus amigos e não meus colegas...*”

Todos disseram que percebem alguma mudança em seus comportamentos quando estão em contato com seus amigos ou na presença de seus pais. Declararam que com os amigos eles são mais livres, sentem que sua opinião tem mais valor, podem se expressar, falam besteiras sobre o sexo oposto e o mesmo sexo e falam palavrões proibidos.

Pedro: *“É diferente. Eu me sinto mais solto quando estou perto dos meus amigos... eu dou minha opinião e afirmo minha opinião...quando estou com meus amigos eu sou muito mais sagaz, eu falo, eu argumento.”*

5.2.6 Agressividade

Em relação ao envolvimento em brigas todos disseram que não gostam de se envolver nelas, porém, ao serem indagados se entram em brigas quando estão com seus amigos, todos disseram que sim, alegando que é apenas para “defendê-los”.

João: *“Eu não entro na briga, eu tento apartar a briga, apaziguar. Eu não gosto de brigas. Antes eu gostava, mas agora eu não gosto mais, mais se eu ver uma ocasião em que eles (meus amigos) estão apanhando ou eu vou tentar separar, ou se eu não conseguir separar eu vou bater nos caras ou apanhar... (risos)”*.

5.3 Entrevista com os pais

5.3.1 Dados Gerais

Serão apresentados abaixo dados da entrevista, juntamente com frases representativas da categoria em questão. Deve-se salientar que todos os nomes foram trocados por nomes fictícios para manutenção do sigilo. Os nomes usados foram: Júlia, Joaquim, Giovana, Lúcia e Mariana.

Dos cinco entrevistados, quatro são mães e apenas um é pai, conforme descrição da amostra.

5.3.2 Relacionamento social dos filhos

Quanto à vida social, todos disseram que seus filhos a têm diferente deles. Descreveram que até a fase de pré-adolescência seus filhos eram dependentes e faziam seus programas junto com os pais, mas que a partir da adolescência deixaram essa “dependência” e passaram a sair e fazer seus programas com os amigos, tais como: nadar, jogar vídeo game, jogar futebol, reunir-se para tocar música com os amigos, passear na praça da cidade, comer lanche e ficar na Internet.

Júlia: *“Ele dá volta com os colegas dele, sei lá, vai comer lanches, vai dar uma volta na praça, é isso aí que ele faz”.*

5.3.3 Educação

Foi-lhes solicitado uma definição sobre o que acreditam ser uma boa educação, e todos disseram que ter uma boa educação é quando as pessoas estudam, respeitam os pais, observam valores como honestidade, hombridade, respeito pelo seu próximo e que tenham suas opiniões e não se deixem levar pelos outros.

Joaquim: *“Acho que orientar o jovem aos valores, valores pessoais, básicos... no decorrer da sua juventude e adolescência e notar que ele também respeita esses valores. Acredito que isso seja a base de uma boa educação. Valores como honestidade, hombridade, respeito pelo seu próximo...”*

5.3.4 Educação dos filhos

Indagados sobre qual (is) atitude(s) tomam quando seus filhos têm um comportamento negativo, um disse que apenas conversa com o filho, mas que não toma nenhuma atitude e, quatro disseram que além de conversarem, disciplinam-nos

com algumas atitudes de privação, no sentido de retirar regalias tais como: ficar sem Internet por dias pré-determinados, não sair no final de semana, não dormir em casa de amigos ou outros parentes. Além disso, todos disseram que não batem mais em seus filhos, pois resolvem o problema conversando, bem como nas disciplinas descritas anteriormente.

Joaquim: *“Ficar sem internet, ficar sem viajar para a cidade dos avós, dos amigos, ficar sem ir a algum lugar, perde as regalias. Mas antes conversamos com ele.”*

Giovana: *“Nós chamamos a atenção dele, só isso. O pai dele fala, fala, fala, faz aquele discurso, mas não coloca nenhum tipo de limite ou disciplina a ele.”*

5.3.5 Influência dos amigos no comportamento dos filhos

Ao serem indagados se acham seus filhos adolescentes influenciáveis pelo grupo de amigos, quatro afirmaram que sim, sendo esta moderada e apenas um disse que não.

Lúcia: - *“Eu acho que ele é influenciável, mas moderado porque ele pensa, é influenciado, mas depois pensa no que os pais vão pensar daquilo... então até um ponto ele vai e de repente ele para e não se deixa influenciar”.*

Porém, quando seus filhos retornam de passeios com o grupo de amigos, todos declararam que seus comportamentos mudam de acordo com o tipo de amigo que saiu naquele dia, por exemplo, se saem com algum grupo de amigos que eles consideram autoritários, tendem a chegar em casa querendo impor as coisas.

Joaquim: *“Tem algumas atitudes de humor, você vê que ele pega de outros que fazem parte da turma. Às vezes tem um que fala mais alto, ele chega e fala mais alto...”*

outro que reclama mais e você vê que ele pega aquela tendência a agir da mesma maneira, então você percebe que tem”.

Lúcia: “Quando ele sai com alguns tipos de amigos mais encrencados, ele já chega em casa mais autoritário, ele chega achando que ele mesmo é dono dele mesmo, que ele manda, que ele pode achar o que ele quer fazer, é por aí...”

Quando estão na presença destes amigos todos os pais disseram que o comportamento deles é diferente, ou seja, quando estão com os amigos, percebem que eles se sentem mais livres, extrovertidos, liberais e brincalhões.

Júlia: “É bem diferente, parece que com os amigos ele tem mais liberdade. Liberdade assim, para falar do jeito dele, a linguagem dele, que é uma linguagem diferente, é mano... mas comigo ele já fala totalmente diferente”.

5.3.6 Agressividade

Todos disseram que seus filhos não apresentam agressividade física, porém, todos relataram a presença de agressividade verbal, sendo que as mais comuns são aumento na tonalidade da voz, forma ríspida no falar, bater a porta do quarto, fechando-a de forma drástica.

Lúcia: “Você falou algo que ele não gostou, daí ele não leva aquilo para casa, ele quer descontar, mas não a ponto de brigar, apenas se defender em palavras mesmo”.

5.3.7 Avaliação dos filhos

Por fim, foi dito que resumissem em poucas palavras seus filhos, onde todos disseram que são bons filhos e inteligentes, não os consideram delinquentes, porém,

precisam melhorar muito nas responsabilidades dentro de casa e no respeito com os pais.

Lúcia: *“Porque ele é um filho obediente, não tem vícios graças a Deus, ele não é aquele menino de responder para mim, brigar comigo, ele me respeita.”*

6. DISCUSSÃO

Após o levantamento dos dados, foram analisados e comparados os dados de cinco adolescentes e seus respectivos pais no que diz respeito à atividades sociais, relacionamento com os pais, educação, influência do grupo de amigos e agressividade.

Ao se falar de relacionamento entre pais e filhos na adolescência, trata-se de de um assunto bastante complexo, pois acontece um desequilíbrio nesta relação, pelo fato do modo como este adolescente passa a enxergar o mundo. Conforme a criança entra na fase da adolescência, esta se vê em um amplo mundo, tendo à sua frente diversas opções de escolha, pois em grande parte das vezes sua vontade e seus compromissos estavam condicionados a dos seus pais, agora, porém, este adolescente passa a conhecer lugares novos na companhia de seus amigos, desenvolvendo aí seu senso de crítica, o que vem a desencadear divergências de opiniões, causando até mesmo discórdias no relacionamento entre pais e filhos (RAPPAPORT, 2000).

Ao falar sobre a vida social dos adolescentes os mesmos alegam que seus gostos são muito diferentes dos seus pais, isto se dá pelo fato de que aos poucos ele passa a sair sozinho ou com os amigos para conhecer lugares novos e diferentes e usufruir de suas opções de escolha, que, na grande maioria das vezes, irão divergir de seus pais (RAPPAPORT, 2000). Dessa forma, vida social prazerosa para o adolescente não teria razão em si se não fosse pela companhia dos amigos, que têm um papel muito importante em diversas áreas de suas vidas, até mesmo para equilibrar o impacto das discórdias entre eles e seus pais (PEREIRA, 2007).

Esta relação com os amigos auxilia na estruturação e elaboração das habilidades sociais, “constituindo uma fonte de aprendizagem e de informação sobre si (autoconhecimento) e sobre o mundo” (DEL PRETTE, 2008, p. 220). Além disso é na adolescência que acontece o desenvolvimento da identidade, por isso é considerada uma fase de experimentação, pois este adolescente, na medida em que cresce, vai experimentando novas contingências da vida, aprendendo e testando novas maneiras de lidar com os problemas, sendo um momento de amadurecimento para enfrentar as dificuldades que a vida irá lhe proporcionar (CAMARA, 2007).

Se este adolescente não apresentar um repertório sólido, encontrará

dificuldades para resolver as adversidades que a vida irá lhe proporcionar, aumentando a probabilidade de envolvimento em comportamentos de risco, sendo estes percebidos como estratégias para enfrentar situações novas (CAMARA, 2007). Guimarães (2006) aponta para o fato de que isto se dá pelo fato de que quando entra a adolescência, por falta deste repertório sólido, o adolescente tem dificuldades para suportar as crises enfrentadas dentro de sua casa não sabendo lidar com o problema em questão, tornando-se mais vulnerável, podendo inclusive levá-lo à concretização dos chamados “riscos de desenvolvimento”. Tais riscos podem se originar quando na organização interna deste adolescente, bem como ser estimulados pelo contexto no qual ele está inserido.

Guimarães (2006) afirma que o comportamento agressivo tem sido apontado por diferentes autores como um comportamento de risco. Nos dados colhidos quando se trata de agressividade, apesar de todos afirmarem que não gostam de se envolver em brigas, todos disseram que entram em uma briga com o objetivo de defender seus amigos. Guimarães (2006) ainda afirma que o comportamento agressivo estaria relacionado a esta interação (ação mútua entre os amigos), associado ou não a um comprometimento orgânico ou neurológico, que fortaleceria os impulsos agressivos, dando origens inclusive a manifestações de violência.

Ao se falar nesta interação, nesta ação mútua entre amigos, fala-se em relacionamento, em influência de ambos os lados. Pereira (2007) define influência como um esforço por parte de uma pessoa para mudar comportamentos e atitudes dos outros, ele afirma que esta influência refere-se aos modos pelos quais as opiniões e atitudes de uma pessoa afetam as opiniões e atitudes de outra pessoa. Durante a pesquisa percebeu-se em algumas falas esta tendência a mudança de comportamento diante dos amigos e o quanto a opinião dos outros afetam os comportamentos destes adolescentes. Apesar destes dados percebeu-se também que, em outros casos, tal influência tem efeito menor e, isto se dá pelo fato de que alguns adolescentes tem boas relações de dependência familiares, confirmando o que Guimarães (2006) e Pereira (2007) afirmam que se as variáveis de seu contexto familiar estão funcionando como facilitadoras do processo de adaptação e desenvolvimento, e seu repertório tem aumentado adequadamente, isto pode estar associado a uma menor influência exercida pelo grupo de amigos, conseqüentemente exposto a menos situações de risco.

7. CONCLUSÃO

Considerando que a fase da adolescência é um momento de desenvolvimento da identidade e sendo esta marcada pela complexidade, vulnerabilidade, fragilidade e instabilidade extensiva a todos os aspectos da vida, concluiu-se que do ponto de vista dos adolescentes, estes não se acham influenciáveis pelo grupo de amigos, no entanto, quando estão em interação com um ambiente de agressividade, como, por exemplo, brigas, discussões verbais e físicas, estes se tornam agressivos, pelo fato de entrarem na briga com a justificativa de defender seus amigos.

Já os pais acreditam que seus filhos são influenciáveis pelo grupo de amigos em diversas áreas de suas vidas, porém, apenas nos comportamentos de agressividade verbal, dentro de casa e, no que diz respeito à agressividade física não afirmaram que seus filhos sofrem tal influência.

Percebe-se, então, uma divergência entre pais e filhos no que tange ao quanto o grupo de amigos influencia o comportamento de agressividade dos adolescentes, pois os pais acreditam que seus filhos, apesar de serem influenciáveis, não o são no comportamento de agressividade física, mas apenas verbal e os filhos, apesar de se auto definirem não influenciáveis pelo grupo de amigos concluem que se for preciso, participam de brigas, com manifestações de agressões físicas.

Tal divergência se dá em grande parte pelo fato dos pais não terem um amplo conhecimento de seus filhos no que diz respeito ao ambiente externo da família e, isto porque muitos pais não tem disponibilidade de tempo para estar acompanhando seus filhos na escola, ou até mesmo para saber quais são as amizades que eles estão envolvidos, bem como, também, os filhos ocultam de seus pais o que fazem quando estão na presença de seus amigos. Ocultam estes comportamentos de seus pais por diversos motivos, talvez por medo de serem punidos por estes ou até mesmo para que eles (seus pais) não se descepcionarem com eles.

Sendo assim, os pais ficam impossibilitados de obterem um conhecimento mais acurado de seus filhos no que diz respeito ao comportamento agressivo destes no ambiente externo à família.

REFERÊNCIA

CAMARA, S. G. y CARLOTTO, M. S. Coping e gênero em adolescentes. **Psicol. Estud.** vol. 12, no. 1, p. 87-93, Ene/abr. 2007. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi-org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-339020070001000077Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2009

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**. 11^a ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

DEL PRETTE, Z.A.P. E DEL PRETE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: teoria e prática**. Petrópolis, Vozes, 2008.

GUIMARAES, Nicole Medeiros and PASIAN, Sonia Regina. **Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva**. *Psicol. estud.* [online]. 2006, vol. 11, n.1, pp. 89-97. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi-org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-339020070001000077Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 mar. 2009

PERES, Fumika e ROSENBERG, Cornélio P. **Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da Saúde Pública**. *Saude soc.*, jan./jul. 1998, vol.7, no.1, p.53-86. Disponível na World Wide Web: http://pepsic.bvs-psi-org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-339020070001000077Ing=pt&nrm=iso Acesso em: 18 mai. 2009

RAPPAPORT, C. **Encarando a adolescência**. 8^a ed. São Paulo, Ática, 2000.

PEREIRA, F. N. e GARCIA, A. **Amizade e escolha profissional: influência ou cooperação?**. *Ver. bras. Orientac. Prof.* [online]. jun. 2007, vol. 8, no. 1 [citado 14 Outubro 2008], p. 71-86. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi-org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-339020070001000077Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mai. 2009

PRATTA, E. M. M. y SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Estudos em Psicologia**, vol. 12, no. 2, p. 247-256, mayo/2007. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi-org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-339020070001000077Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mai. 2009

PRATTA, E. M. M. y SANTOS, M. A. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. **Estudos em Psicologia**. Natal, vol. 11, nº 3, p. 315-322, sep./dic. 2006. <Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi-org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-339020070001000077Ing=pt>

&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2009

SOARES, Cássia Baldini; AVILA, Livia Keismanas de e SALVETTI, Marina de Góes. **Vulnerabilidade de adolescentes no SILOS-Butantã**. *Saude soc.*, ago./dez. 1998, vol.7, no.2, p.63-81. <Disponível na World Wide Web: <[http://pepsic.bvs-psi-org. br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-339020070001000077Ing=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi-org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-339020070001000077Ing=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 abr. 2009

ANEXO A - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO

I- PERGUNTAS PARA OS ADOLESCENTES

Idade: _____

1- Com quem mora:

() Pai () Mãe () Pais () Responsável. Quem:

2- Você considera ter muitos amigos?

() Sim () Não

3- Você faz amizades com facilidade?

() Sim () Não

4- Com que frequência você sai de casa com seus amigos?

() 1x por semana () 3x por semana () Somente nos finais de semana ()
Semana inteira

5- Que tipo de programa você gosta de fazer com seus amigos?

R: _____

6- Como você se sente quando está com seus amigos?

R: _____

7- Você se considera uma pessoa influenciável pelos seus amigos?

() Sim () Não

8- Se sim, em quais momentos você é mais influenciado?

R: _____

9- Você tem uma vida social diferente da dos seus pais?

() Sim () Não

10- Se sim, como é esta vida social?

R: _____

11- Você percebe alguma mudança em seu comportamento quando você está em contato com seus amigos ou na presença de seus pais?

() Sim () Não

12- Se sim, em qual(is) comportamento(s) você percebe esta mudança?

R: _____

13- Você se considera uma pessoa obediente aos seus pais?
 () Sim () Não

14- O que você acredita ser uma boa educação?

R: _____

15- Existe discussão com seus pais?
 () Sim () Não

16- Se sim, em quais momentos?

R: _____

17- Ocorre brigas em outros lugares?
 () Sim () Não

18- Se sim, quando isso ocorre?

R: _____

II- PERGUNTAS PARA PAIS DE ADOLESCENTES

Grau de parentesco com o adolescente: _____

1- O que você acredita ser uma boa educação?

R: _____

2- Você considera seu filho uma pessoa influenciável pelo grupo de amigos?
 () Sim () Não

3- Se sim, qual o nível de influência que o grupo de amigos tem sobre seu filho?
 () Pouco () Moderado () Intenso () Muito intenso

4- Seu filho tem uma vida social, independente da sua?
 () Sim () Não

5- Qual é a vida social que ele tem?

R: _____

6- Você percebe alguma mudança no comportamento de seu filho quando ele retorna do passeio com o grupo de amigos?

() Sim () Não

7- Se sim, qual comportamento você percebe que houve uma mudança?

R: _____

8- Qual(is) tipo(s) de comportamento(s), que ao seu ver era negativo, que seu filho apresentava desde criança e que até hoje perdura?

9- Você observa diferenças no comportamento de seu filho quando está com o grupo de amigos e quando está com você?

() Sim () Não

10- Quais diferenças são estas?

R: _____

11- Que atitude você toma quando seu filho tem um comportamento negativo?

R: _____

12- Vocês discutem?

() Sim () Não

13- Se sim, com que frequência?

R: _____

14- Ao seu ver ele tem algum comportamento considerado agressivo?

() Sim () Não

15- Se sim, descreva qual(is)?

R: _____

ANEXO B - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO PROJETO: Avaliação da perspectiva dos pais e seus filhos adolescentes sobre a influência dos grupos no comportamento agressivo destes.

Eu, _____, li e\ou ouvi o esclarecimento sobre o projeto e compreendi para que serve o estudo, e qual(is) procedimento(s) serei submetido(a). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper a sua participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará o seu tratamento. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo.

Diante desse entendimento, declaro que participarei deste estudo, na qualidade de voluntário (a).

Bebedouro, ____/____/200__

Assinatura do(a) voluntário(a)

RG.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato dos pesquisadores _____

Para notificação de qualquer situação de anormalidade que não puder ser resolvida pelos pesquisadores poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas Fafibe, pelo Telefone (17) 3344-7100 – ramal 228.

ANEXO C - CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



Faculdades Integradas Fafibe

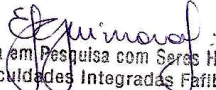
Mantenedora Associação de Educação e Cultura do Norte Paulista
CNPJ 57.713.281/0001-47

Bebedouro, 25 de maio de 2009.

Ilma Sra.
Profª. Andreza Cristiana Ribeiro
PSICOLOGIA

Parecer nº 0139/2009

O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP, das Faculdades Integradas Fafibe, constituído de conformidade com a Portaria nº 16, de 06 de Maio de 2008, da Direção Geral, e nos termos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde tendo avaliado, nesta data, o projeto de pesquisa intitulado “**Avaliação da perspectiva dos pais e seus filhos adolescentes sobre a influência dos grupos no comportamento agressivo**”, de V.Sa., resolveu enquadrá-lo na categoria **APROVADO**.


Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP
Faculdades Integradas Fafibe